CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
16 de novembro de 2024

O HERÓI / 2004

Um filme de ZÉZÉ GAMBOA

Realização: Zézé Gamboa / *Argumento e diálogos*: Carla Baptista / *Coargumentista*: Pierre-Marie Goulet / *Ideia original*: Fernando Vendrell / *Supervisão do argumento*: Luís Alvarães, Pierre-Marie Goulet, Fernando Vendrell / *Direção de fotografia*: Mario Masini / *Montagem*: Anna Ruiz / *Assistente de montagem*: Pascal Latil / *Guarda-roupa e direção de arte*: Lucha 'Orey / *Assistente de decoração*: João Santos, Jorge Tristão 'Jorginho' / *Maquilhagem*: Ian Swann / *Som*: Gita Cerveira / *Montagem de som*: François Fayard / *Misturas*: François Groult / *Música original*: David Linx, Diedrick Wissels / *Efeitos especiais*: Jean-Marc Mouligne / *Interpretação*: Oumar Makéna Diop (Vitório, Dobragem: Miguel Sermão),Milton Coelho 'Santo' (Manu), Patrícia Bull (Joana), Neusa Borges (Flora), Raul Rosário (Pedro), Catarina Matos (enfermeira Rute), Próspero João (Carlos), Nelo Helder (Cácá), Miguel Hurst (dr. Luís), Adelino Caracol (patrão da discoteca, Dobragem: Daniel Martinho), Orlando Sérgio (ministro do Interior), Fernando Ferreira (Olavo), Gracy Costa (Rita), João Carlos Miguel (encarregado obras), Mateus Salvador (duplo de Vitório/pai de Manu), António Cassange 'Toy' (bando Manu), Osvaldo Clemente 'Iuri' (bando Manu), António Sukakuetche (bando Manu), Amauri Salvador (bando Manu), Pedro Paka (bando Cácá), Mauro Joaquim (bando Cácá), Hugo Mascarenhas (bando Cácá), Amadeu Kiteculo (bando Cácá), Valdemar Escalenga (bando Cácá), Fernando Madaleno 'Nando' (bando Cácá), Ary 'Jójó' (bando Cácá), Yara Coelho (Teresinha, Dobragem: Cláudia Bezerra), Augusto Coelho (pai de Teresinha, Dobragem: Zé Carioca), Mónica Anapaz (enfermeira noite), Louro António Domingos (homem taberna), Man-Fú (condutor limousine), Helga Fêty (mulher carro), Kayaya (homem carro), Carmen Nascimento (vendedora Asa Branca 1, Dobragem: Patrícia Abreu), Lúcia João (vendedora Asa Branca 2), Thierry Darrigrand (Dr. Thierry), João Paulo (rapaz bicicleta), Nela Mangueira (mulher da fonte 1), Nilsa Lameira (mulher da fonte 2), João Óscar de Carvalho (mecânico), António Alberto (homem 1), Dionísia Pedro (mulher discoteca), Delfina Francisco 'Filó' (mulher rua rádio), Crish Wall de Sá (locutor rádio, Dobragem: Guilherme Galiano), Lourenço Matos 'Balay' (jornalista 1), Márcia Mota (jornalista 2), Jesus Cordeiro (homem igreja), Luzolo Manuel 'Paisinho' (miúdo atropelado), Manuela Romão (mulher programa de televisão).

Produção: David & Golias (Portugal), Les Films de L'Après-Midi (França), Gamboa & Gamboa (Angola) / *Produtor*: Fernando Vendrell / *Coprodutores*: François d'Artemare, Maria João Mayer, Tony Gamboa / *Produtora executiva*: Catarina Fortes / *Coordenação de produção em Portugal*: Selma Cifka / *Coordenação de produção em Angola*: Nathalie Bensabat / *Direção de produção*: Paula Ribas / *Direção de produção em França*: François Gonot / *Chefe de produção*: Jaime Silva / *Chefe de produção em França*: Christine Renaud / *Produção executiva*: Catarina Fortes, Fernando Vendrell / *Produtor delegado*: Fernando Vendrell / *Coordenação de pós-produção em França*: Caroline Barraud / *Assistentes de realização*: Nuno Milagre, Patrícia Abreu, Carlos dos Santos 'Cacau' / *Anotação*: Telmo Churro / *Cópia*: (Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema) 35mm, cor, falada em português e umbundo / *Duração*: 97 minutos / *Estreia comercial em Portugal*: 13 maio 2004 (Lisboa, Vila Nova, de Gaia, Porto, Braga) / Estreia internacional: 17 de setembro de 2004, Festival de Cinema de Toronto / *Primeira passagem na Cinemateca*.

Com a presença de Zézé Gamboa

Numa entrevista recente (dada a Marta Lança em 2014 e publicada no sítio *Rede Angola*), Zézé Gamboa recorda o seu início da televisão: "Não escolhi, fui escolhido. Num domingo de Maio de 1974 estava a voltar da praia, encontro o meu primo João Van Dunem na sala: 'veste-te e vamos trabalhar!' E eu 'trabalhar ao Domingo? Sou católico.' Mas lá me convenceu a ir. (…) A nova televisão TPA [Televisão Popular de Angola] era no prédio ao lado da Sonangol, a primeira televisão depois do 25 de Abril." Mais adiante explica, "Ia fazendo som com o Antoine Bonfanti, *workshops* com o Bruno Muel que era director de fotografia, que formou aquela gente toda (…). Passou pela televisão muita gente do cinema a dar-nos formação. De Portugal iam pessoas afectas ao partido Comunista, da França a mesma coisa, da UNICITÉ, tipos que trabalhavam na Nouvelle Vague, vinha gente de Cuba, era o forte dos nossos formadores. Depois tínhamos uma grande vantagem: era uma televisão muito jovem, com média etária de 22 anos, pessoas ávidas de fazer coisas e acreditando muito na revolução (…)." Foi assim, "por acidente", que nasceu aquele que é, provavelmente, o mais internacional dos cineastas angolanos (as suas duas longas-metragens estrearam no Festival de Toronto e, em particular, **O Herói**, venceu o Grande Prémio do Júri no festival de Sundance, na competição de World Cinema – entre vários outros galardões e certames).

Foi como jornalista que se aproximou do cinema e foi depois, já nos anos 1980, que em França se licencia em Engenharia de Som (em Néciphone, Paris, 1984) – isto porque, "A direcção da televisão mudou: o Luandino [Vieira] foi para o Laboratório Nacional de Cinema, o Orlando Rodrigues, que era director de programas, foi fazer advocacia. E veio outro director mandado pelo partido, Eugénio Rómulo, com quem entrei em conflito. (…) depois [re]encontro o Antoine Bofanti que tinha vindo dar umas aulas ao Conservatório em Lisboa e é ele que me desafia a ir para França estudar cinema. Tinha 23 anos e fiquei lá nove anos. Estudei na Néciphone que era uma casa de formação profissional onde trabalhavam os grandes profissionais do som. Ali aprendi a fazer som de base, repicagem, sons ópticos.". Será por esta via "técnica" que Gamboa começa a trabalhar em cinema, aparecendo em inúmeros genéricos de filmes portugueses dos anos 1980 e 1990 – a título de exemplo deixo aqui alguns desses

filmes onde Gamboa foi técnico de som, assistente ou perchista: **Balada da Praia dos Cães** (Fonseca e Costa, 1986), **Matar Saudades** (1987, Lopes), **Serenidade** (1989, Coutinho Cabral), **Até Amanhã, Mário** (1993, Nordlund), **Um Crime de Luxo** (1991, Semedo), **Passagem por Lisboa** (1994, Geada), **Terra Estrangeira** (1995, Salles, Thomas) ou **A Tempestade da Terra** (1998, Almeida e Silva).

Com esta experiência, Gamboa começa a afirmar-se enquanto realizador no formato curto/média e sempre em registo documental, realizando dois importantes filmes, **Mopiopio, Sopro de Angola** (1987-1991) e **Dissidência** (1998). Nestes é possível identificar já as preocupações com o retrato da sociedade angolana na relação com a sua história. O primeiro descreve a importância da música durante o período da Guerra Civil, o segundo retrata a mesma guerra, desta feita a partir das histórias de cinco dos seus dissidentes (tanto do MPLA como da UNITA), que se exilaram na Europa. **O Herói** prolonga este levantamento (agora através da ficção) já em período de paz (a Guerra termina em 2002), mas sempre a partir dos "estilhaços" deixados por quase três décadas de conflito armado (a que se junta outra década e meia de guerra colonial). Sendo esta a primeira longa-metragem de ficção de Zézé Gamboa, identificam-se alguns elementos autobiográficos (subtilmente integrados na narrativa), como seja a equipa de repórteres televisivos que, na Praça da Independência, recolhe testemunhos para o famoso programa da TPA, *Ponto de Reencontro* – este era um programa onde qualquer cidadão podia apelar, na televisão, ao regresso de familiares desaparecidos durante a guerra. Outro, é a importância dada à rádio (tanto nos momentos quotidianos, como no desenlace final). Em qualquer dos casos, a veia jornalística do realizador acende-se em toda a sua "utopia" e apresenta os meios de comunicação como formas de acesso livre à expressão e como elementos-chave para a reconstrução (ou antes, re-agregação) do país.

O Herói é um filme que no seu tom de fábula neorrealista – faz referência direta ao **Ladri di biciclette** (Ladrões de Bicicletas, 1948) enquanto cita de forma discreta, com os cartazes que aparecem nas sequências da discoteca, o cinema das grandes estrelas Hollywood, em particular Greta Garbo em **The Mysterious Lady** (1928) e Marlene Dietrich em **Shangai Express** (1932) – se impõe como espelho ficcional de um país que, poucos anos depois do fim da guerra, tenta reerguer-se. Luanda é a "cidade devastada" (como era Roma para De Sica) e as ruas estão cheias de crianças deixadas ao deus-dará. De facto, depois de 2002, o país teve de secar as lágrimas dos familiares de mais de meio milhão de mortos causados pela Guerra Civil e encarregar-se dos cerca de 125 mil ex-combatentes desmobilizados (muitos deles mutilados – como é o caso da personagem interpretada por Oumar Makéna Diop, ator senegalês mais conhecido pelo seus papéis em filmes de Moussa Touré – e muitos deles, vítimas e carrascos em simultâneo, incapazes de se tornarem "elementos úteis da sociedade" depois de décadas a perpetrar as mais terríveis formas de violência). Zezé Gamboa – filmando **O Herói** integralmente em Luanda (coisa que não aconteceria na sua longa seguinte, **O Grande Kilapy**, rodado entre Portugal e o Brasil, nem deverá acontecer na sua próxima longa-metragem, *Aleluia*, a rodar em Cabo Verde) contacta diretamente com essa efervescência de uma cidade sem regras que é uma "amostra cosmopolita" do país – cito o testemunho do historiador e sociólogo Cornélio Caley em **Oxalá Cresçam Pitangas** (2006), exibido neste mesmo ciclo na próxima segunda-feira, que funciona como o gémeo documental de **O Herói**.

Porém, se Gamboa acena ao neorrealismo italiano, tem consciência do novo cinema senegalês dos anos 1990 (em particular há uma ligação evidente entre **O Herói** e **La Petite Vendeuse de Soleil** [1999], média metragem de Djibril Diop Mambéty) e recorda o cinema americano da transição mudo-sonoro, estou, no entanto, em crer que a grande matriz de **O Herói** é o *western noir* de Anthony Mann, **Winchester '73** (1950). Só que, ao invés de se focar numa espingarda que vai sendo roubada e vendida, passando de mão em mão, foca-se numa perna-prostética de um amputado de guerra. Também aqui existem "heróis" e "malfeitores", existem "saloons" e "índios", existem "lonely riders" e "damsels in distress". Esta relação (além das múltiplas coincidências narrativas que o filme carrega) dá bem conta do "new world" que era Luanda no pós-guerra e demonstra igualmente a dimensão de conto moral que Zézé Gamboa procura infundir nesta história. No fundo tudo se resume a uma forma de filiação não sanguínea, uma ideia de fraternidade nacional onde as lacunas impostas pelo luto podem ser preenchidas pelos órfãos, formando uma nova família virtual, algo desconchavada, mas funcional. Dito doutro modo, a prótese da perna amputada é, no fundo, a metáfora para um país despedaçado que só se poderá reerguer e voltar a caminhar se perceber que os membros rejeitados são essenciais para amparar os passos incertos de uma nova sociedade. É uma visão humanista, integradora, pacifista e, convenhamos, algo *naïf*, mas é justamente por isso que é bela, porque suspende o horror sem o esconder, porque se mantém atenta às dificuldades da transição (vejam-se a curiosa personagem do ministro e do ex-namorado oportunista da professora Joana) acreditando, ainda assim, numa renovação.

Ricardo Vieira Lisboa